

O Seculo Comico

O SEculo



Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DASILVA GRACA, Limit.

Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43. — Lisboa

O futuro das colonias



Cantado:

O' preto, ó preto
 Lá do sertão
 Com a familia
 No meio do chão...



PALESTRA AMENA

Negocios são negocios

Este ditado, ou como se lhe chame, «Negocios são negocios», é d'uma oportunidade flagrante—e a empreza do teatro do Ginasio, pondo em scena n'esta occasião uma peça com este titulo procede com um tacto e uma finura para os quaes são poucos todos os elogios.

Ora vejamos. Aos jornais foi distribuída numa noticiinha dizendo, mais palavra menos palavra, que não se assustasse ninguém com a questão cambial, com o escudo a menos de 4 dinh'iros, porque o facto não tinha importância nenhuma e só poderia impressionar os timoratos. Assim nos chamou timoratos o autor da dita noticiinha, porque confessamos que todas as vezes que consultavamos as cotizações da bolsa, sentíamos na espinha dorsal o calafrio precursor das grandes catastrophes.

A recomendação, porém, fez-nos mudar inteiramente o animo, e passámos n'um instante do medo á coragem, da duvida á confiança. E raciocinamos:—Que diabo nos importa que a libra esteja a 57 escudos, ou coisa assim?

Nada, evidentemente, desde que quem sabe da poda—e está-se a ver que a informação deve ter sido dada ao governo por quem da poda sabe muito bem—assegura que a questão não tem a minima importancia! E raciocinamos mais:

—O algodão lá fóra está a baratear, o ferro idem, o cabedal idem, e não o podendo nós passar senão em ouro, tanto faz que essas coisas estejam baratas como caras. Não temos nada com isso. Mas como isto de raciocínios são como as cerejas, veem umas atrás das outras, por mais que não se queira, surgiu-nos então a ideia de que, não podendo vir nada d'isso de fóra, não teríamos remédio senão gastar o que ha cá em casa armazenado e pelo preço que os srs. armazenadores muito bem quizerem. E logo, outra ideia:—Ficando cá o carvão a peso de ouro, apesar de lá fóra estar também baratissimo, as nossas industrias fabris não podem produzir barato. E querem ver que lhes convem produzir caro?»

E a seguir, outro raio d'outro raciocínio. «A tal informação é muito capaz de ser uma cantiga para adormecer crianças e para o governo não providenciar a respeito de cambios. Querem ver que os que antificiosamente fazem subir a libra estão de acordo com os industriosos, os commerciosos e outros individuos com denominação terminada em «osos», os quaes não devem confundir-se com commerciantes e industriaes?

Não diremos que o desatinio nos invadiu de novo, depois d'esta cadeia de locubrações, mas a duvida assaltou-nos, confessamos—e por isso dissemos acima que a companhia do teatro do Ginasio merece louvores por ter em ensaios e representar por estes dias os «Negocios são negocios», a afamada peça de Octa-

vio Mirbeau, tanto mais que no papel oriado por Férandy vamos ver Alves da Cunha, o mais arrojado e talentoso dos actores novos, que a peça vai em festa de Araujo Pereira, um dos nossos ensaiadores de mais competencia e que a tradução é d'um escritor que nos pede para lhe não declararmos o nome e a quem dedicamos particularissima amizade.

J. Neutral.

Pacifista

A Inglaterra, os Estados Unidos, o Japão e outras nações da nossa simpatia estão cada vez mais resolvidas a manter-se desarmadas e pacificas, para o que todos os dias aumentam as suas esquadras e os seus armamentos de terra. Parece isto um grande disparate e se-lo-ia, decerto, se qualquer de nós o praticasse, mas, como o praticam entidades magnas, deve ser, pelo contrario, coisa muito ajuizada.

As potencias que não se tem armado é que, muito provavelmente serão tidas por belicas—e entre essas figura Portugal. Se, como parece, a furia guerreira está na razão inversa da força



das armas, podemos estar seguros de que ninguém se meterá connosco, por medo. E' verdade que já se diz por aí que vamos ter marchais, mas tal providencia de modo nenhum deve significar desejo de aumentar o exercito; na nossa opinião representa apenas a necessidade de equilibrar o orçamento, empregando algum do dinheiro superfluo que já não temos onde arrecadar—e na lá mais.

Os Silvas

Talvez os senhores ainda não tenham reparado que os Silvas, como os Santos, como os Costas, são numerosissimos entre nós. Pois são: e para o provar um ratão de bom gosto, que Lisboa em peso conhece, fez uma noite d'estas uma experiencia que já ha tempos fóra tentada com exito em Berlim, a respeito d'um apelido alemão muito frequente.

Foi no teatro de S. Luis, na occasião d'uma enchente—não dizemos de que peça, para não nos julgarem pagos pelo Galhardo. Estava o primeiro acto em meio, quando o tal ratão berron, ao fundo da plateia:

—O' sr. Silva! Ha fogo em sua casa! Levantaram-se uns duzentos Silvas e o espectáculo esteve interrompido meia hora!

Moral ou não?

O nosso querido collaborador «Jerolmo» não foi consultado sobre o ultimo conflito levantado no teatro Nacional, com respeito á «E'cole de cocotes», que o sr. commissario do governo achou impropria de se exhibir perante pessoas sérias e o Conselho de Arte Dramatica achou moralisadora.

Digamos desde já que o «Jerolmo» é da opinião do dito Conselho, não tendo duvida em afirmar, «à priori», que tres pessoas que se presam, como são



Ernesto Rodrigues João Bastos e Felix Bermudes, não são capazes d'uma indecencia, e a prova é que começaram por dar novo titulo á peça, chamando-lhe «O pescador de perolas», isto é, começaram por dar um grandissimo quinquan ao autor francês e na propria França, que não se peja de consentir cartazes de teatro com aquella pouca vergonha de titulo.

Depois, outra razão, e essa conclusiva, levaria o «Jerolmo» a jurar que a peça é d'uma innocencia paradisiaca, e essa consiste em que o papel principal foi distribuído e aceite pela illustre actriz Amelia Rei Colaço Monteiro, que em tempos, no teatro do Ginasio, se não estamos em erro, não quiz fazer o «Divorcio-nos», por lhe cheirar um madinha a fresco.

Ora como a sobredita artista lá por ter casado não passou a ter a moral em menos conta do que a tinha quando solteira, segue-se que nada encontrou na «E'cole de cocotes» que a melindrasses.

No «Divorcio-nos», o seu papel seria o d'uma senhora casada á face da egreja, que pretendia divorciar-se, mas que não chegava a descarriar e voltava para o lar; agora o seu papel será o d'uma «cocote», mas e tá-se a ver, visto que de bom grado aceitou este papel, que se trata d'uma «cocote» mais digna do que a tal divorciada.

Nada: o «Jerolmo» está escamadis-simo com o Santos Tavares.

Correspondencia

TRADUÇÕES — Até agora só recebemos duas traduções da poesia franceza que ha pouco publicamos.

Então onde diabo pára o engenho nacional?—



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Cri-la Zefa du mê carasso:

Iscrevoto munto á preça qô duas regras purque tanho de ir pró ginaso ver u insaio dus «Nigosios san nigosios» purque me podiram pra lá ir ver ça quillo curria bem i intão nan me póço demurar mémo nada i qô te quero dezer duas palabras da «Morgadilha dus canaviais» das canas quem te mandou aqui vir, cumo ce diz n'uma cantiga que in tempos oivi in Cuimbra, cuja «Morgadilha» é a morgadona da D. Maria Matos i nu resto nan fallo purque já te dice que iston cum munta preça i nan oivi cenão um menólugo du pruméro ato du Jaquim Costa a ispelicar prá pelateia ca molher é munto biata i que nan le fás a cumida a tempo i a oras i vai ós pois istá nisto um rôr de tempo inté que eu pedi lisensa ós ispétadores que istavam ao mê lado i fuim mimborra i axo cu Jaquim Costa ainda a esta ora lá istá cu ditto menólugo i quem u quixer aturar cu ature nanja eu que tanho mais que fazer i intão inté á semana ce deus quixer i ce oivires dezer cu Julio Danis raçussitou i agarrou num maramelleiro i ce pranton á pancada ós omes que tiram pessas dus rumansas dele nan ta dmiros purque á coisas que inté fazem alevantar us mortos i arrusebe u çodoso a brasso du questume i as arrecumendasões tambem du questume prá noça familia prá ubrigasão i prós bacros deste ca vida te deseija inté ó dia de juizo á mem jasus maria isé té marido munto ubrigado

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama de Per-s Rulvas.

Coisas espirituais

Um dia d'estes realison-se n'um dos nossos teatros um concerto que nos cartazes foi anunciado como «espiritual» e confessamos que não percebemos lá muito bem o que os homens quizeram dizer com isso. Parece que a musica, mo lernamente, se divide em



espiritual e material, mas vamo-nos ver todos a perros para distinguir as duas especies: o «Pírolito» será material ou espiritual? E a «Rosa enxota o pinto»?

EM FOCO

JULIO DINIZ



O finado escritor Julio Diniz, Que sob a terra ha muitos anos jaz, Autor d'algumas obras menos más, Romances, sobretudo, ao que se diz;

Visto que a morte inexoravel quiz Leva-lo em verdes anos, em rapaz, Pede que o deixem, por favor, em paz, Que o deixem, finalmente ser feliz.

E sabendo, outrcsim, pelos jornais, Que alguem lhe transformou n'um entre-mezes Ou comedia, um dos seus originais,

Protesta contra a dita insensatez, Porque, além de motivos teatraes, Quando escreveu foi sempre em portuguez.

BELMIRO

Pedimos aos «maestros» a fineza de nos explicarem o caso para nosso governo: ao Calderon de los Discos, por exemplo, que é o mais espiritual de todos os «maestros».

A conto de reis !

Muita gente se admirou de se venderem uma noite d'estas no Porto, para se assistir ao «Barbeiro de Sevilha», camarotes a um conto de reis



cada um—deduzindo, visto que houve quem os comprasse por tal preço, que anda pelas ruas muita gente que devia estar encerrada em manicômios.

O' senhores! Mas então que diabo vem a ser, d'aqui a pouco tempo, um conto d reis ? ! Pois não reparam que, e agora mesmo, não é mais de 17 libras?

Ora agora façam favor de fazer a divisão, tomando para dividendo o tal conto e para divisor o numero de notas musicais que a opera contém—ou, para mais exactidão, visto que n'um camarote se acomodam, em media, 5 pessoas—dividam o custo por 5 e depois dividam o resultado pelo tal numero de notas; que lhes dá? Em moeda antiga cada nota fica a menos de real—e cremos que não ha ninguem que não desse pelo menos um centavo para ouvir uma

nota bem garganteada. Uma nota qualquer, entende-se, d'essas de pouca importancia, porque um «dó» de peito, por exemplo, não é coisa para menos de um pataco. Não lhes parece?

Contrastes

Ao telefone, no sertão.

- Está lá?
- Estou. De onde fala?
- De Moçambique. E aí?
- D'Angola.
- Ah! E' o Norton?
- Sou. E você é o Camacho?
- Sou. Como vai a sua colonia, ó Norton?
- De vento em pópa. Já abriu a Opera que eu mandei edificar. E aí, a respeito de teatros?
- Mandei edificar uma barraca de fintochoes, para entreter a pretalhada.
- Os meus pretos adaptaram-se perfeitamente aos habitos europeus. As pretas já vestem fatos «tailleurs», os pretos andam de casaca e chapen alto...
- Pois o de Moçambique andavam de tanga antes de eu para cá vir e eu decretei a supressão d'esse artigo de luxo. Nada de despesas inuteis.
- Que tem você hoje para o jantar?
- Eu, «foie-gras» trufas, pavão...
- C'edoi! Eu, um azenque fumado...
- Von dar agora um passeio d'automovel. Alé logo.
- E eu, um passeio de burro. Adens, Norton.

Exposições

O Marques, visita a exposição de pintura a cera, no teatro Nacional. Um visitante: — Mas por que demonio vieram estes francezes fazer a exposição em Portugal? O Marques: — Pela abundancia de materia prima, porque não ha país onde se faça mais cera...

O soldado desconhecido



...«E aqueles que por obras valorosas
Se vão da lei da morte libertando.»

(LUSIADAS — Canto I)